

ELOISA DOMENICI,
ÉDER RODRIGUES,
LARA MACHADO

O papel central do corpo na produção de conhecimento suscita uma perspectiva epistemológica que reconhece a implicação das formas corporificadas de existir em todas as suas implicações biopolíticas.

O tema dessa edição, *Corpo, Poética e Ancestralidade*, abre indagações em múltiplas dimensões sobre o que pode ser uma subjetividade que acolha a memória cultural e os saberes africanos e indígenas, com suas formas de conhecimento, visões de mundo e cultura contra-hegemônica. O eixo temático também faz parte de um repertório de pesquisas e produções em Artes que vem construindo espaços de encontro e resistência desde a experiência que reuniu na UFRN, em 2017, e na UFBA, em 2018, interessados em compartilhar e vivenciar encontros para corporificar essas (preocup)ações. Em 2019, a Universidade Federal do Sul da Bahia, instituição que nasce assentada no pensamento de Paulo Freire, Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos, sediou o evento homônimo no Campus Sosígenes Costa/Porto Seguro, dando continuidade à rede de estudos em torno das artes do corpo.

Neste número especial do Caderno GIPE-CIT, o corpo está não só diretamente implicado, como também colocado em primeiro plano, contemplado de maneira especial nas pesquisas, nas práticas e nos encontros que intentam proporcionar relações críticas e criativas ao despertar entendimentos que apontem caminhos alternativos às crises que vivemos, no caso, contemplando as



subjetividades assentadas na memória cultural, corporificada. A produção de conhecimento, a pesquisa e o aprendizado presente na convergência dos encontros realizados explicitam o resgate e a afirmação de práticas e valores ancestrais como mediadores das relações nos processos de pesquisa e na práxis artística expandida.

Nessa perspectiva, o entendimento da roda como uma importante forma de acontecimento assume, tanto nos encontros como nos textos selecionados para esta edição, que não há como pensar produção de conhecimento sobre determinadas práticas culturais sem sermos afetados por suas lógicas próprias.

O intuito é oferecer dentro da academia um contraponto à lógica de produção logocêntrica, meritocrática e subalternizante que caracteriza a ordem do modelo civilizacional vigente e, em grande parte, o sistema educacional. Essa dinâmica só é possível através do corpo, campo de possibilidades, produtor de conhecimento, de saber e memória, que reinventa a vida e ressalta suas potências.

Essa linhagem circunda as linhas de condução do repertório de trabalhos aqui reunidos que potencializam desdobramentos em vários níveis e direções. Para o campo das artes, derivam as poéticas em suportes variados e as práticas que criam o corpo da cena. Para o campo da educação, irradiam as pedagogias e a interdisciplinaridade inerente aos saberes africanos e indígenas, sempre tendo o corpo como produtor do conhecimento.

O artigo *19, 3, pois... Câmbio!?*, de Sílvia Monique Rodrigues Ferreira, abre a sessão de trabalhos e parte da apresentação, análise e partilha do processo de criação em dança junto à construção da personagem EstáNaMira Marruá das Dores, no qual se identifica uma relação intrínseca entre *dança, violência e poética*, bem como entre *corpo e ancestralidade*. O destaque fica por conta do relato experiencial junto às narrativas dançadas e seus vínculos poéticos e políticos. No deslocamento da abordagem poética para a instância política, o texto tensiona lugares entre a violência e a dança que os movimentos expressam. O texto convoca, do começo ao fim, os corpos-leitores a transitarem por onde se sintam chamados, entendendo esse chamado como um ultimato para escrever em movimentos o que as palavras silenciam.



Já o artigo *Corpo-pambu Nzila: poéticas ancestrais*, de Tássio Ferreira Santana, parte das possibilidades epistemológicas acerca das vivências junto ao terreiro *Unzó ia Kisimbi ria Maza Nzambi* [Simões Filho-BA] e das reflexões em torno das corporeidades afrodiaspóricas. As relações entre o cruzamento da perspectiva do corpo inserido no culto e nas práticas da nação Congo-Angola e a manifestação do arquétipo do *Nkisi Pambu Nzila* sedimentam as bases do trabalho desenvolvido pelo Coletivo AFRO(em)cena, da Universidade Federal do Sul da Bahia/Campus Itabuna-BA, junto à montagem *Travessias...ciclos transatlânticos* e à prática da Pedagogia da Circularidade Afrocênica, discutida pelo autor como um conceito vinculado à gênese e à prática de poéticas de cenas pretas.

Enveredado também pela prática de coletivos artísticos, *Caminhos de volta: reflexões afrorreferenciadas sobre dançares de herança 'gengibreira'*, de Aline Serzedello Neves Vilaça e Alexandra Dumas, problematiza questões de extrema importância para as distintas áreas que atravessam e são atravessadas pela corporeidade. O artigo retoma conceitos como epistemologia, oralitura e cosmopercepção a partir de uma linhagem afrorreferenciada de indagações oriundas do *corpus* negro em espaços de troca de saberes. No texto, as manifestações populares afrodiaspóricas e indígenas realizadas pelo Grupo Gengibre, da Universidade Federal de Viçosa-UFV/MG, são a base das reflexões tecidas a partir das memórias dos dançares artístico-metodológicos e didático-pedagógicos vivenciados junto ao coletivo e trazidas como objeto de análise e crítica.

No artigo *Estella uma loba aguerrida: processo criativo em dança, gira de saberes e resistência negra*, de Andréia Oliveira Araújo da Silva, há um relato poético-analítico do processo de criação de um solo que se configura enquanto uma dança-revolta-denúncia, entendido como prática política e de descolonização dos saberes. O texto recorta aspectos do processo criativo, oferecendo um fluxo de ação e reflexividade que acompanha a processualidade do corpo em diálogo com a alteridade, no caso das mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, região do Recôncavo, BA.

Já o artigo *As convergências entre as giras de desenvolvimento de um terreiro de Umbanda e os laboratórios para preparação de atores/atrizes: observações do campo de pesquisa*, de Daniela Beny Polito Moraes, traça paralelos entre as giras de desenvolvimento do Terreiro de Umbanda Aldeia dos Orixás e as bases atorais oriundas da matriz afro-brasileira pautadas pelos princípios das práticas performáticas.



O artigo *Tempo do Mambeadero e Tempo do Baile: tensões entre corpo, exotismo e tradução no processo criativo com os Murui-Muina*, de Daniela Botero Marulanda, explora o prospecto criativo que relaciona a oralidade e as danças do povo indígena Murui-muina, localizado na fronteira entre Colômbia, Brasil e Peru. A abordagem traça paralelos entre apontamentos teóricos e conceitos nativos que ampliam as concepções sobre formas poéticas, corporeidade, pensamento e obra.

O artigo *Do barro que molda tantos corpos nasce lyalodé: do encontro anunciado à escuta poética ancestral*, de Fernanda Silva dos Santos, tem como abordagem uma das apresentações artísticas realizadas durante o encontro *Corpo, Poética e Ancestralidade*, a partir do viés que a tessitura poética atravessa no compartilhamento de uma obra-memória erguida junto aos ímpetos da resistência e da desconstrução de padrões.

Já o artigo *Ebulição: aprendizados de uma errância passista*, de Ana Valéria Vicente, apresenta uma análise do trabalho artístico *Ebulição* e os prospectos decoloniais, fruto de pesquisa doutoral. O cunho dramaturgic e ancestral é o mote da reflexão suscitada, além do corpus teórico que pensa e tematiza a ancestralidade das artes do corpo a partir da América Latina. O texto discute a base processual do trabalho criativo a partir dos tremores involuntários como parte genealógica dos saberes corpóreos e tradicionais implícitos às práticas estudadas.

O artigo *Orixás do Ceará: loas ao tempo ou para falar de um Teatro Cearense*, de Francisco Geraldo de Magela Lima Filho, caminha por uma inserção historiográfica do Teatro Cearense e suas incursões junto às matrizes e às experiências afrobrasileiras no panorama nacional. O texto demarca sinalizações do processo de deslocamento do pensamento e da práxis cênica voltadas para uma operação temática, ancestral, coletiva e atoral que sedimenta a teatralidade brasileira, no caso, tematizando essa inserção a partir das redes imersas nos terreiros e na conjuntura complexa que envolve os orixás no circuito teatral do Ceará.

O artigo *Oh, meu Santo Antônio: corpo, festa e ancestralidade*, de Líria de Araújo Moraes e Victor Hugo Neves de Oliveira, faz uma análise do complexo sistema que envolve a Festa de Santo Antônio, tal como ela se expressa na Bahia, teoricamente discutida de forma dialógica com a hagiografia. O texto utiliza uma narrativa testemunhal-analítica em torno das técnicas corporais específicas para a execução da festa, fortalecendo a manifestação como um repertório aberto de expressões de devoção, corporeidade e acessos à presentificação do passado.



No âmbito mais voltado para uma perspectiva educacional do eixo temático, o artigo *Maria Fux: uma artista pedagoga*, de Débora Maia de Lima e Caroline Raymond, apresenta o ensino de dança da bailarina argentina María Fux, com destaque para sua importância social. Fruto da pesquisa de doutorado da autora, que estudou e conviveu com María Fux, a pesquisa é o primeiro estudo acadêmico sobre o trabalho dessa artista, que é uma importante referência em pedagogia da dança.

O artigo *Africanidades, dança e cooperação na escola*, de Arilma Soares, apresenta uma abordagem artístico-pedagógica de inserção de oficinas de dança afro-brasileira na rede de ensino da cidade de Natal/RN. A autora ressalta a perspectiva da cooperação, por meio da investigação e da criação, partindo do sentimento de pertencer e identificar-se com a cultura afro-brasileira. Nesse caso, há também uma problematização acerca da invisibilidade dessa vivência atrelada à ancestralidade e às africanidades no âmbito educacional. A abordagem tematiza ainda a efetivação da práxis da cultura afro-brasileira na escola, com vistas ao cumprimento da legislação vigente, além de destacar experiências propositivas de atuação com foco na dança.

O artigo *Corpo-oralidades: um mergulho do corpo dentro da comunidade-terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá*, de Cíntia Paula Lopez, contribui de forma aprofundada com as discussões acerca do eixo *Corpo, poética e ancestralidade*, apresentando a perspectiva da ação do corpo como preservação e criação da memória dos saberes dentro de um dos terreiros de Candomblé mais tradicionais de Salvador. A abordagem parte do ponto de vista de uma integrante da sua comunidade, que é a própria autora do texto.

No caminho para abordagens mais abrangentes do eixo temático proposto, o artigo *A poética-cosmogônica brasileira: arqueologia do imaginário afro-indígena nas manifestações dos corpos ancestrais*, de Cláudio Baptista Carle, relata a vivência no evento *Corpo, Poética e Ancestralidade* (UFSB, 2019), no qual o autor expõe as bases de construção das ancestralidades que permearam o encontro e as discussões. Paralelamente, o autor também discute as representações das sociedades tradicionais afro-indígenas, por meio de uma investigação antropológica junto à arqueologia do imaginário das manifestações dos corpos ancestrais e suas representações no presente.

Finalmente, o artigo *Pesquisa de campo em artes do corpo em cena: o desenho da transcestralidade indígena e as fissuras poéticas na árvore CIs gênero-lógica de matriz europeia*, de Dodi Leal, completa o número 42 do Caderno GIPE-CIT e tensiona os lugares convencionais do tratamento



outorgado às pesquisas ligadas ao tema. Ao trazer as questões que envolvem as corporalidades transgêneras, a autora provoca a circularidade cisnormativa, mesclando o seu autolevramento genealógico com o processo criativo que culminou no espetáculo *A Demência dos touros*, da Cia. Teatro do Perverto, de São Paulo. A abordagem interroga as raízes e as omissões em torno das ancestralidades do corpo trans, além de fomentar novas perspectivas e fissuras no pensamento, ao propor a transcestralidade.

O encontro *Corpo Poética e Ancestralidade* aconteceu entre os dias 11 e 16 de março, demarcando a consolidação do Centro de Formação em Artes na UFSB e o compromisso institucional de potencializar a formação, a práxis e a pesquisa no âmbito das artes da presença, ênfase do percurso formativo e da atuação do curso Artes do Corpo em Cena que esteve à frente na produção do evento. O encontro contou com o público total de 1.488 participantes presentes em todas as ações integrantes da programação oficial do evento. Durante os seis dias do encontro, as artes da presença, suas poéticas e corporeidades foram o ponto de discussão e o palco das vivências partilhadas entre os participantes e envolvidos. Foram ao todo 34 atividades que compreenderam 14 oficinas, contemplando os segmentos do teatro, da dança, da cultura popular e da capoeira, 6 rodas temáticas com especialistas nacionais e internacionais na área das artes do corpo em cena, 7 espetáculos performáticos de teatro e dança, 5 lançamentos de livros com ênfase no corpo e suas poéticas, 2 vivências culturais com as comunidades indígenas do território, batizado de capoeira e o lançamento do curso de pós-graduação *Especialização em Dramaturgias Expandidas do Corpo e dos Saberes Populares*, eixo que demarca a base epistemológica do curso *Artes do Corpo em Cena*, da UFSB.

Este número especial do Caderno GIPE-CIT reúne um repertório atualizado e aprofundado no âmbito das pesquisas na área, além de registrar institucionalmente o legado de trocas e permanências que transformou o cotidiano do campus da UFSB e colocou as Artes como protagonistas da nossa histórica e ancestral arte do encontro.